



**Comissão Científica**

A. A. Marques de Almeida  
António Borges Coelho  
José Augusto Ramos  
José Nunes Carreira  
Maria Benedita Araújo

**Director**

A. A. Marques de Almeida

**Editor**

Paulo Mendes Pinto

**Índice**

V Curso Livre de Estudos Sefarditas:  
Os Sefarditas portugueses na emergência do Mundo  
Moderno.

Ciclo de Conferências 2001

Curso Livre de Língua e Cultura hebraica II

Biblioteca "Alberto Benveniste"

Noticias

Texto Antológico



Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
Al. da Universidade, 1699 Lisboa Codex  
Telefone 21 79 50 000, ext. 317, Fax 21 79 60 063  
Email: cat.est.sefarditas@mail.fl.ul.pt  
Site: www.fl.ul.pt/cat.htm

## V CURSO LIVRE DE ESTUDOS SEFARDITAS

2

### Os Sefarditas portugueses na emergência do Mundo Moderno.

### Práticas económicas e formação dos mercados

#### Docente

A. A. Marques de Almeida  
Universidade de Lisboa/ Cátedra Alberto Benveniste

### Apresentação do V Curso

O que se pode esperar deste V Curso? O que naturalmente se espera da aprendizagem universitária: em primeiro lugar, uma discussão sobre o estado da arte e, depois, informação e resultados de investigações recentes. É esse o destino do saber universitário: ser partilhado logo à nascença e correr mundo ao encontro dos que fazem da descoberta e dos novos saberes uma maneira de estar no mundo e na vida.

O Curso tem lugar nos dias indicados, entre as 12h30 e as 14h00, na Sala 5.2. (Sala de Mestrados) da Faculdade de Letras de Lisboa.

As matrículas estarão abertas até ao dia 7 de Maio (das 13h00 às 18h00).

O Curso têm um limite de 50 vagas, encontrando-se reservadas 15 inscrições para estudantes.

A propina referente ao curso é de 25.000\$00 e a Cátedra concede uma bolsa no valor de 12.500\$00 aos estudantes que desejarem inscrever-se.

### Calendário

#### 1.ª sessão - 14 Maio

Propedêutica do Curso. Apresentação das principais linhas temáticas. O estado da questão.

#### 2.ª sessão - 15 Maio

O mundo das trocas e do comércio internacional nos finais da Idade Média. O comércio de longa distância: as grandes rotas comerciais; das velhas rotas da seda e do Levante, às novas rotas do Atlântico e do Pacífico.

#### 3.ª sessão - 16 Maio

As novas rotas e os novos espaços económicos: a economia atlântica ou o Mediterrâneo ao contrário de que fala Braudel.

#### 4.ª sessão - 17 Maio

A costa africana e a drenagem do ouro. A economias das terras do sul: a América portuguesa e espanhola.

#### 5.ª sessão - 18 Maio

A emergência do mundo financeiro. A concentração de capitais. As grandes transformações no comércio de longa distância.

#### 6.ª sessão - 21 Maio

Moeda e Crédito. O papel da moeda na formação das economias monetárias. As novas visões do mundo. Práticas e representações dessas novas visões. Negócios e redes de negócios.

#### 7.ª sessão - 22 Maio

As praças financeiras. O jogo da moeda e do crédito. A invenção do dinheiro.

#### 8.ª sessão - 23 Maio

Os inovadores da teoria económica. As condições da inovação e a formação da mentalidade do "entrepeneuer" schumpeteriano.

#### 9.ª sessão - 24 Maio

Lição de síntese

## CICLO DE CONFERÊNCIAS 2001

### 26 ABRIL

Ángel de Prado Moura

"A Inquisição de Valladolid e os judaizantes portugueses durante o século XVIII: balanço de uma intensa repressão"

### 3 MAIO

Elvira Mea

A Resistência sefardita durante o período Filipino

### 24 MAIO

Michèle Escamilla-Colin

Pour au contre les Portugais de Nation. Un controverse au soumet dans l'Espagne de Philippe IV

### 31 MAIO

António Borges Coelho

Ribeiro Sanches. Alguns dados sobre a família e achegas para um retrato.

## CURSO LIVRE DE LÍNGUA E CULTURA HEBRAICA II

Desde 7 de Novembro que está em pleno funcionamento o segundo nível de Língua e Cultura hebraica, ministrado pelo Professor Doutor José Augusto Ramos.

O curso tem cerca de uma dezena de alunos, a saber:

Ana Luísa Sampaio Malveira;

Anne Stroobant;

Bernardo Sá Nogueira;

Elisa Barbosa de Sousa;

Isabel Sá Nogueira;

José Carlos Bastos Aires;

Margarida Ester Rios;

Maria Ana de Faria Araújo;

Maria da Conceição Serrano;

Miguel Ângelo Martins Dias;

Teresa Santa-Clara.

3

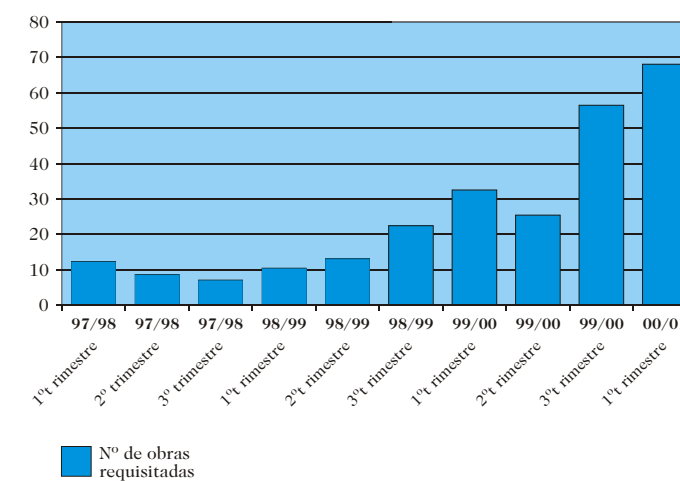
## BIBLIOTECA "ALBERTO BENVENISTE"

### A Leitura

A consolidação científica da Cátedra de Estudos Sefarditas muito tem devido ao acréscimo de leitores à sua biblioteca especializada.

Se o ano lectivo de 1999/2000 ficou marcado por um aumento substancial da aquisição de obras a que correspondeu um directo aumento do número de leitores, quer em regime de leitura presencial, quer em regime de empréstimo, o primeiro trimestre deste ano lectivo mostra esse movimento já bastante consolidado.

O aumento do espólio bibliográfico, bem como o alargamento do horário de serviço, permitiu esta agradável evolução que se pretende mostrar neste documento.



Quadro com o número de obras requisitadas nos últimos três anos lectivos segundo os respectivos trimestres

### Ofertas:

Agradecemos a oferta, pela autora, do livro: FERNANDES, Neusa, A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII, Rio de Janeiro, Ed. da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

### Últimas Aquisições:

AUVRAY, Paul, Iniciação ao hebraico bíblico, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

BENBASSA, Esther, ed., KRIEGEL, Annie, pref., Un grand rabbin sepharade en politique: 1892-1923, Paris, CNRS, 1990.

BENZONI, Juliette, *As esmeraldas do profeta*, Lisboa, Ed. Bertrand, 2000.

BENZONI, Juliette, *O rubi de Joana a Louca*, Lisboa, Ed. Bertrand, 2000.

GUINSBURG, J., *O Judeu e a Modernidade*, São Paulo, Perspectiva, 1970.

HADAS-LEBEL, Mireille, *L'hebreu: trois mille ans d'histoire*, Paris, Albin Michel, 1999.

KIRST, Nelson, et all., *Dicionário Hebraico - Português & Aramaico Português*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1999.

LANDAU, Philippe E., *L'opinion juive et l'Affaire Dreyfus*, Paris, Albin Michel, 1995.

LANDMANN, Jayme, *Judaísmo e Medicina*, Rio de Janeiro, Imago, 1993.

LEROY, Béatrice, *Les juifs dans l'Espagne chrétienne avant 1492*, Paris, Albin Michel, 1993.

MACCOBY, Haym, org., *O judaísmo em julgamento: os debates judaico-cristãos na Idade Média*, Rio de Janeiro, Imago, 1996.

MACHADO, Maria Salomé, *O Judeu na Obra Literária: do estereótipo ao indivíduo de rosto humano*. Separata da *Communio*. Ano XII, nº 3, 1995. [Lisboa, ed. da autora, 1995].

MILANO, Attilio, *Storia degli ebrei in Italia*, Torino, Einaudi, 1992.

MILGRAM, Avraham, *Os Judeus do Vaticano: a tentativa de salvação de católicos não-arianos da Alemanha ao Brasil através do Vaticano (1939-1942)*, Rio de Janeiro, Imago, 1994.

OLIVAL, Fernanda, *O acesso de uma família de cristãos-novos portugueses à Ordem de Cristo*. Separata da revista *Ler História*, 33 (1997), 67-82, [Lisboa, ed. da autora, 1997].

PRADO MOURA, Ángel de, coord., *Inquisición y sociedad*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1999.

PRADO MOURA, Ángel de, *Las hogueras de la intolancia. La actividad represora del tribunal Inquisitorial de Valladolid (1700-1834)*, Valladolid, Junta de Castilla y León, 1996.

ROMERO, Elena, *Coplas sefardies. Primera selección*, Córdoba, El Almendro, 1988.

SCHOLEM, Gershom, *Sabbatai Tsevi. Le messie mystique (1626-1676)*, [s. l.], Verdier, 1983.

SOARES, Maria Emília Pereira, *Presença judaica em Portugal: as sinagogas do Porto*, Lisboa, APH, 1999.

TORIBIO MEDINA, José, *Descubrimiento del Río de las Amazonas según la relación hasta ahora inédita de Fr. Gaspar de Carvajal*. [Ed. fac simulada da de 1898.], Valencia, Edym, 1992.

VERMES, Pamela, *Martin Buber*, Paris, Albin Michel, 1992.

WAGNER, Klaus, *Le commerce du livre en France au début du XVI siècle d'après les notes manuscrites de Fernando Colombo*. Separata do *Bulletin du Bibliophile*. Nº 2. 1992, [Paris, ed. do autor, 1995].

YERUSHALMI, Yosef Hayim, *Le Moise de Freud: judaisme terminable et interminable*, Paris, Gallimard, 1993.

YERUSHALMI, Yosef Hayim, *Zakhor: histoire juive et mémoire juive*, Paris, Gallimard, 1991.

## NOTÍCIAS

Está para breve a saída do primeiro volume dos *Cadernos da Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»*. Este primeiro volume tem como centro os artigos correspondentes ao Cielo de Conferências 2000, em que participaram:

Prof. Richard Ayoun (Universidade de Paris I e INALCO)  
*Les Portugais dans l'Ouest de la France à l'Époque Moderne*  
Prof. Juan Gil (Universidade de Sevilha)

*Os Judeus castelhanos e as Conspirações contra D. João II*  
Prof. Joseph Abraham Levi (Universidade de Iowa)  
*A Diáspora Sefardita nas Américas durante os séculos XVII e XVIII*

Dra. Maria da Graça Mateus Ventura (ICIA)  
*Os Gramacho. Estudo de um caso de redes de influência em ~Cartagena das Índias (1591-1637)*

Prof. António Borges Coelho (Professor Jubilado da Universidade de Lisboa)  
*Judeus e Cristãos-Novos no tempo dos Filipes*

Teve lugar na Faculdade de Letras, a 31 de Outubro de 2000, o colóquio «A Ideia Romântica da Europa: Novos Rumos, Antigos Caminhos». Este colóquio teve a organização do Instituto de Cultura Alemã e foi apoiado pela Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste».

A colaboração com este colóquio efectivou-se ainda através da conferência do Prof. Doutor A. A. Marques de Almeida "O papel dos sefarditas no capitalismo financeiro: questões de dinheiro e de gosto na ideia romântica da Europa".

O colaborador da Cátedra, Dr. Francisco Lopes, encontra-se em Amsterdão ao abrigo do Programa Erasmus, a concluir a investigação para a sua dissertação de mestrado sobre as estruturas de apoio social da comunidade sefardita da respectiva cidade.

Foi recentemente reeditado o catálogo da exposição *Os Judeus na Guarda*, comissariado pela Prof. Doutora Maria Antonieta Garcia.

Para os muitos visitantes da exposição que não conseguiram adquirir este excelente livro, aqui fica a informação desta segunda tiragem, já depois de encerrada a respectiva exposição.

Durante três dias, entre 19 e 21 de Março, e com o Alto Patrocínio do Presidente da República, decorreu no auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian o Colóquio «Judaísmo e Medicina Ética e Ciência».

Entre muitos especialistas, destacamos a presença do Prof. Doutor Fred Rosner. A organização deste evento deveu-se à Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, e o comissariado foi entregue ao Dr. Samuel Bentes Ruah.

Paralelamente decorreu uma exposição bibliográfica sobre o livro antigo de medicina, centrado em exemplares judaicos de obras dos séculos XVI a XVIII.

## DICIONÁRIO HISTÓRICO DOS SEFARDITAS PORTUGUESES

### D. Luís Carvajal de la Cueva (1539 - 1590)

Luís Carvajal nasceu em 1539. Era filho de Gaspar Carvajal e Catarina de Leão, cristãos-novos que viviam em Mogadouro. O seu avô materno António de Leão, estava ligado ao grande comércio peninsular.

Ainda criança, logo após a morte de seu pai, foi viver para casa de uma tia materna residente em Lisboa, tendo sido educado nos preceitos da religião católica.

Ainda jovem, como almirante é responsável pelo transporte de vinhos portugueses para a Jamaica.

Aos 27 anos chega à província de Panuco no México. Ali trabalha como criador de gado e é nomeado alcaide do porto de Tampico. Em 1579 Filipe II de Espanha autoriza-o a descobrir, pacificar e povoar uma enorme extensão de território a Nordeste da foz do rio Panuco. Conseguiu ainda permissão para transportar cerca de 100 colonos aos quais o rei dispensara o certificado de "Limpeza de Sangue", como prova da sua não ascendência judaica. Alguns são seus familiares e entre eles encontrava-se a sua irmã, D. Francisca de Matos e os filhos.

Ao tomar posse dos seus territórios D. Luís Carvajal convida Diego de Montemayor para uma vasta expedição na sequência da qual fundam a cidade de Monterrey, em 1584.

O Novo Reino de Leão prosperou com chegada destes emigrantes trazidos de Espanha.

Entretanto na cidade de Tampico a família de Matos vive luxuosamente a sua vida de judeus secretos. D. Isabel é a sobrinha favorita do Governador, e como era prática entre os criptojudeus do tempo, um irmão desta chamado Gaspar era padre católico. Dois outros Baltazar e Álvaro assistiam D. Luís, como soldados nas suas campanhas de pacificação.

D. Luís de Carvajal foi sempre um acérrimo defensor dos direitos dos índios e por essa razão ganhou a amizade do franciscano frei Bernardino de Sahagun, e a inveja dos colonialistas espanhóis e do próprio Vice Rei D. Álvaro Manrique de Zuñiga, que o denuncia à Inquisição como herege, em 1588.

Nessa ocasião, a sobrinha, D. Isabel tenta convertê-lo à religião dos seus antepassados, mas em vão.

Aterrorizado desliga-se da família temendo pela sua reputação e segurança. Traído a denúncia abrangeu 120 pessoas, tendo escapado apenas Baltazar Carvajal que por não ter sido encontrado, foi queimado em estátua. A sentença contra D. Luís Carvajal foi pronunciada a 24 de Fevereiro de 1590 tendo sido condenado a exílio perpétuo, acaba por morrer na prisão enquanto esperava pela deportação.

Pior sorte tiveram a sua irmã D. Francisca Carvajal Rodrigues de Matos e seus filhos Catarina, Isabel, Leonor, Luís (o Moço), Gaspar, Baltazar, Miguel, Mariana e Ana.

Foram todos condenados à fogueira.

(texto publicado no *Jornal Terra Quente* de 15 de Fevereiro de 2001)  
*Maria Guimarães Braga*

## AMIGOS DE RIBEIRO SANCHES

Continuação da *News Letter* nº4

Por Maximiano de Lemos

6

Subsidiado pelo governo português com a mensalidade de 30\$000 réis, era muito aceito do embaixador Galvão de Lacerda e de seu filho que momentaneamente nos representou depois da sua morte. Um e outro informavam frequentemente a nossa côrte dos meritos do pensionista e dos progressos dos seus estudos.

Os seus primeiros trabalhos impressos foram umas observações sobre a passagem de Mercurio pelo disco solar em 1753 (1), seguidas, com dois anos de intervalo, por um trabalho publicado nas Memórias da Academia de Berlim sobre os satélites de Jupiter e a correção das lonjitudes (2). Estas memorias valeram-lhe ser nomeado socio das Academias das Ciencias de Paris e Berlim.

Em Paris relacionou-se muito com Ribeiro Sanches que, em 1756, ao publicar o seu Tratado da conservação da saúde dos povos, escreveu no prólogo deste livro: «Não duvido por tanto que muitos louvarão este trabalho porque a douta conversação e os grandes conhecimentos na Physica e Mathematicas de José Joaquim Soares de Barros tem a maior parte do acerto que lhe considero e seria ingratitude criminosa occultar o que benignamente me communicou este honrado e amoroso patriota.»

No fim do seu livro e antes de entrar nas Considerações sobre os terremotos, novamente se lhe refere nos termos seguintes: «José Joaquim Soares de Barros a quem este Tratado, assim como as Considerações seguintes devem muitas noticias e advertencias me communicou benignamente que o páu de campeche cortado miudamente preservava a agua da corrupção por muito tempo, se um arratel delle.

Nestes anos passados em Paris, publicou alguns pequenos trabalhos nos periodicos do tempo. Assim, em 1757, saíam as suas Nouvelles considerations sur les années climateriques, la longueur de la vie de l'homme, la propagation du genre humain, etc.; e a Lettre aux auteurs des Memoires de Trévoux sur de nouvelles découvertes en physique, Paris, 1757.

No ano seguinte, mandava ao Journal des Savans uma carta em que reivindicava para os portugueses a gloria da descoberta das Indias orientaes, rebatendo as afirmações do jesuita italiano Ximenes (3).

Um ano depois, ao mesmo periodico mandava um extrato de um livro publicado com o criptonimo de Amador Patricio de Lisboa e relativo ao terremoto, livro que é atribuido a

Francisco José Freire e por outros ao proprio marquez de Pombal.

Por diferentes vezes tinha o matematico manifestado desejos de regressar ao reino e mais instantemente por ocasião do terremoto. Só em agosto de 1759 recebeu ordem para o fazer, acompanhada de uma ajuda de custo para o pagamento de algumas dividas, contrahidas principalmente na aquisição de livros e instrumentos. Circunstancias varias retardaram a partida que só veio a realizar-se em abril do anno seguinte. Monsenhor Salema, que a 16 de julho de 1759 informava o nosso governo de que Barros era «sujeito de grande erudição, no qual, entre outras excellentes qualidades, resplandece o amor da patria» escrevia a 12 de abril de 1760: «José Joaquim Soares de Barros é a pessoa que terá de entregar a V. Ex.<sup>a</sup> esta carta.»

Antes, porém, da partida, o Acolito da Sé patriarcal mandava imprimir outra obra de Barros na limitada tiragem de trinta exemplares. Salema, nesse officio de 12 de abril, informava o secretario de estado D. Luis da Cunha: «Por effeito de varias conversações que tive com elle, relativas á independencia natural dos reis e direitos da magestade lhe pedi quizesse pôr por escripto os principios, razões e motivos de uma materia tão grave e tão importante, principalmente no tempo presente em que ella interessa a honra da nação e o bem da educação.»

Quer-nos parecer que este livro deve ser o que tem por titulo Fundamentos da sociedade christã e politica, obra novamente dada á luz e offerecida a todos os bons e fieis portugueses, que foi publicado em 1760 com o pseudonimo de Philanecto de Corte Real e a respeito do qual afirma Innocencio que alguém que se diz bem informado o atribue a Ribeiro Sanches.

Pouco tempo depois da chegada a Portugal, o Conde de Oeiras nomeou-o, a 24 de outubro, secretario de uma embaixada especial que devia ter como ministro o Conde da Cunha. Parece-nos que Sebastião de Carvalho nunca pensou em enviar o embaixador e que a ida do secretario era um mero expediente diplomatico. Como quer que seja, Barros partiu imediatamente, chegando a Amsterdam em 26 de novembro e em 5 do mez immediato a Paris (4).

Depois de ter conseguido instalação para a embaixada no bairro Saint-Germain em casa que pertencia aos herdeiros do famoso Samuel Bernard, começou Barros a cumprir as instruções que levava e se resumiam em procurar estabelecer

melhores relações com a França e obter o seu concurso para a expulsão dos jesuitas. Para este fim, a escolha do diplomata fôra acertada, porquanto antes da partida para Portugal participava ele do Havre a Salema que a 18 d'abril de 1760 entrara naquelle porto um patacho portuguez chamado Sant' Ana e Almas, cujo capitão era Mateus Duarte levando entre a carga uma caixa destinada ao Colegio Luis o Grande com papeis e livros que os jesuitas portugueses mandavam para França. Com as brochuras destinadas á propaganda, ia algum dinheiro e neste fato se baseou o nosso enviado para reclamar de Choiseul que a caixa lhe fosse entregue.

Nos officios que se conservam no Arquivo do ministerio dos Negocios estrangeiros contém-se algumas informações a respeito do modo como desejava conseguir auxilio da França na campanha contra os jesuitas. Mostrava-se persuadido de que a Pompadour os hostilizava, embora aparentasse o contrario, ignorando a principio de que modo pensava Choiseul. Esperava muito do parlamento que já se mostrara empenhado em retirar aos membros da Companhia de Jesus a educação da mocidade; embora nos ultimos tempos tivesse esfriado no seu empenho, contavam os dois diplomatas portugueses, Barros e Salema, estimular-lhe o zelo (5). Para chamarem á sua causa a amante de Luiz XV, não tinham eles escrúpulos, embora usassem de meios pueris. O Monsenhor era das relações da embaixatriz de Holanda, separada do marido e amante de Choiseul, e procurava captal-a com presentes e por ella influir no ministro. Uma vez conseguido o apoio do duque, como de cada vez mais estava no favor da Pompadour «com a qual dizem não ter só amizade mas amor» facilmente a disporiam a auxilial-os (6).

A boa harmonia entre os nossos dois representantes deixou de existir desde o primeiro dia em que de novo se encontraram em Paris o Acolito da Sé Patriarcal e o antigo pensionista do estado, agora elevado a secretario de embaixada. Como muito bem diz Ricardo Jorge, «as cristas não deixavam caber os dois no mesmo poleiro» (7). Já em outra parte narramos as suas dissenções (8). Desse trabalho nos aproveitamos para a narrativa que se segue. A relação das desinteligencias entre os dois começa por um officio de Soares de Barros que foi começado em 23 de março, mas só foi expedido em 17 de junho: «De nenhum modo me inquieto do que Pedro da Costade Almeida Salema poderá dizer a V. Ex.a contra mim.» Extranhara este encontrar em Barros um homem muito diverso do que conhecera e o modo

7

queixava-se do modo e tom decisivo com que ele lhe falava. Ainda se doía de que Barros se tinha comprometido a entregar-lhe copia das instruções que levava na parte que lhe diziam respeito. O matematico confessa que lh'o prometera, não explicando as razões porque o não fez, mas deixando adivinhar que achava demasiada exigencia de ser a copia de letra dele, como Salema queria. As coisas foram-se azedando por modo que o Monsenhor, que devia mostrar-lhe os officios que escrevia, declarou-lhe, em 23 de março, que nenhuma relação conservaria com ele. «Isto é para mim tanto mais, penoso por vir de uma pessoa a quem devi obrigações e uma particular amizade, e a quem tenho ainda valor de desejar muito bem, não obstante esse iniquo modo com que me tem tratado em cousas que tem o seu principio no real serviço de El-Rey Nosso Senhor.»

Ao tempo em que Barros começara a escrever o seu officio, Salema nada participara para o reino. Só a 3 de maio se encontra a primeira noticia das divergencias que se haviam suscitado. Como era proprio do seu carater violento, depois de se referir a uma diligencia relativa ao Conde de Merle, em que o Principal Saldanha procedera com menos habilidade, escreve: «Parece-me, devo dizer a V. Ex.a, que José Joaquim de Barros é sabedor da sobredita inconsideração do Principal Saldanha por eu lh'a ter communicado depois que chegou a Paris; o mesmo José Joaquim por um caracter de orgulho e chicana tem todas as disposições de fazer nesta materia todo aquelle mal, que a bondade de que o generoso coração de V. Ex.a é dotado póde evitar.»

Em 6 de junho de 1761, Barros dava conta ao secretario d'estado de que se lhe apresentara em Paris João Jacinto de Magalhães que lhe recomenda. Diz que talvez em breve parta para o reino para expor coisas que não quer transmitir ao papel. Noticia que corriam boatos de paz. Como remate informa o secretario de estado de que tinha quasi acabado um officio que principiara em 23 de março, a respeito do modo extraordinario como Salema procedia com ele, com suspeitas, desconfianças e as mais injustas imputações. Fizera tudo quanto pudera para a concordia: «Tudo; porém, tem sido frustrado, com grande desgosto meu, por ter devido a Pedro da Costa de Almeida Salema obrigações e uma particular amizade.»

Monsenhor resolve-se, em 18 de junho, a narrar tudo o que tem passado desde que Barros foi como secretario de embaixada a Paris. A situação era intoleravel, pelo «petulante

(1) *Observations et explications de quelques phenomenes vus dans le passage de Mercure, observé à l'hôtel de Clugny à Paris, le 6 May 1753. Publiés par Mr. de l'Isle etc. Paris, 1753.*  
 (2) Desta memoria publicaram as *Philosophical Transactions* (XLVIII - 1753) um resumo sob o titulo *An Account of a Memoir read at the Royal Academy of Sciences by M. de Barros, a Portuguese Gentleman, concerning certain Phaenomena observed by him at Paris, in the*

*last transit of Mercury over the Sun, by J. Short. Nouvelles equations pour la perfection de la theorie des satellites de Jupiter, et pour la correction des longitudes terrestres, déterminées par les observations des mêmes satellites nas Memoires de l'Académie Royale des Sciences de Berlin, pour l'année 1755.*  
 (3) *Lettre à Messieurs les auteurs du Journal des Savans sur la navigation des Portugais aux*

*Indes Orientales. Foi publicada no numero de janeiro de 1758 e reimpressa pelo snr. A. Portugal de Faria por ocasião do centenário da India.*  
 (4) *Officio de Salema de 1 de dezembro de 1760 no Arquivo do ministerio dos Negocios estrangeiros. Officio de Barros a D. Luis da Cunha, de 28 de dezembro, no mesmo Arquivo.*  
 (5) *Officio de Barros de 8 de fevereiro de 1761 no Arquivo do ministerio dos Negocios estrangeiros.*

(6) *Officio de Salema de 11 de fevereiro de 1761, no mesmo Arquivo.*  
 (7) *Ribeiro Sanches e Soares de Barros, na Medicina Contemporanea de 1909.*  
 (8) *Portuguezes illustres em França: Soares de Barros, João Jacintho de Magalhães e Ribeiro Sanches - no Boletim da Segunda classe da Academia Real das Sciencias - III, n.º 6, agosto de 1910.*

modo» por que o tratava o mesmo José Joaquim. Logo que elle chegara a Paris, começara a protestar o grande valimento que tinha com o ministerio. Ao mesmo tempo, insinúa que ele criticava os actos do ministro Tomé Joaquim Côrte Real, evidentemente incapaz por doença. Barros mostrava se arrogante e desabrido nas palavras que lhe dirigia. Desde que viviam juntos, Salema convidara-o a aproveitar-se da sua mesa e considerava uma ofensa do matematico recusar-se este a aceitar sem que pagasse a sua parte. «A aspereza e extraordinario modo do sobredito José Joaquim me obrigou a dizer-lhe uma vez que se ele se não emendava, eu o não havia de aturar; elle se asustou com essa expressão e poucos dias depois me disse com grande mansidão que seria desagradavel que na côrte se soubesse a nossa má intelligencia.» O Monsenhor atribue «a grossaria» do secretario da embaixada a «falta de reflexão ou de uso de lidar com gente, por saber que ele por causa do seu genio tinha aqui vivido em retiro e que nem os portugueses que aqui vieram no seu tempo fizeram algum caso d'elle.» O motivo principal da divergencia é assim narrado. No officio que D. Luis da Cunha enviara a Salema, dizia-lhe que S. M. lhe mandara remeter a copia da carta de instruções. Não se encontrando a acompanhar o officio, pedira-a a Barros, que não só lh'a não dera, mas o dissuadira de a mandar pedir para Lisboa, prometendo-lhe uma copia de sua propria letra, o que não cumpriu. As divergencias entre os dois tornaram-se patentes, com manifesto prejuizo da nossa representação. Salema noticia que em Paris correu que «este moço era um judeu mandado de Lisboa expressamente para me (a ele) insultar e para me perder»; e adiante: «a má conducta que tem usado commigo não tem outro algum motivo que a falta de creação e o seu mau character que ha de sacrificar á sua vaidade, ao seu interesse, e ao seu augmento tudo o que ha de mais sagrado, principiando pela verdade.» O nosso representante reconhecia que Soares de Barros tinha grande instrução, mas ignorava a difficil ciencia do mundo e de tratar com homens. Pouco depois desta data o illustre matematico deixa Paris, informado de que o Monsenhor aliciara alguns rufiões para o sovarem. Pelo menos é o que diz João Jacinto de Magalhães em umas notas manuscritas que tivemos a fortuna de encontrar no exemplar da Biografia de Sanches por Andry, existente na Biblioteca municipal do Porto. Prestou-lhe auxilio Sanches na fuga e continuou a prestar-lh'o depois.

Com a fadiga da jornada adoeceu em Espanha e ao chegar a Lisboa tinha sido precedido por cartas de Salema a Pombal que nem sequer o recebeu. Estas cartas não sabemos se existem, a terem sido escritas como afirma o fisico português. Na correspondencia oficial de Salema, encontra-se esta noticia a 6 de julho: «José Joaquim de Barros sahiu desta cidade com um moço francez, no dia vinte e seis de junho, pelas seis horas da manhã, e até hoje não appareceu, nem se sabe onde esteja.» Pouco mais de um mez depois, a 12 d'agosto, dava conta de que o embaixador em Madrid D. José da Silva Peçanha o informara de que ele passara naquela cidade : «elle terá ahí dado todas as demonstrações do seu orgulho e da sua ingratitude: *ingrato homine terra nihil pejus creat (Seneca).*» Em novo officio, de 31 d'agosto, dizia constar-lhe que Soares de Barros tinha sahido em tempo de Portugal para Londres com o enviado Antonio Freire e que se comportou de modo que este lhe quiz bater, o que ele evitou fugindo. Estas desavenças entre os dois diplomatas foram a causa da suspensão da tença que Ribeiro Sanches recebia em Paris. Monsenhor Salema não lhe perdoou o auxilio que ele prestou ao ingrato matematico português. Já quando estava convencido ou começava a convencer-se de que não merecia os sacrificios que por ele fizera e estava ainda fazendo, escrevia singelamente ao seu amigo Gonçalo Xavier de Alcaçova, a 19 de abril de 1777: «Sei que este ministro (Salema) me tinha má vontade, porque via e tratava com José de Barros que elle vexava; mandei-lhe pedir o quartel vencido da minha pensão com o meu recibo; refuzou pagarma, mandando-me dizer que a fosse eu buscar; o que não quiz fazer por temer alguma afronta de que Elle era bem capaz conhecendo ser governado pello seu secretario meu inimigo...» (9) Receoso de que Pombal levasse mais lonje o seu resentimento pela sua fuga de Paris, que lhe foi desaprovada, conforme se vê da correspondencia de Salema (10), Soares de Barros foi viver distante da côrte. Nos primeiros tempos, conjectura Ricardo Jorge, que ao illustre matematico consagrou um formosissimo estudo, que residisse junto da familia á beira do Sado ; depois fixou-se em Cezimbra donde datou a 26 de novembro de 1771 uma carta a Sanches que aquele nosso presado amigo publicou e pertenceu ao malogrado bibliofilo A. Fernandes Tomás (11). Essa carta mostra-nol o entregue á sua paixão de naturalista,

estudando os marmores e jaspes da rejiaõ, fazendo observações sobre os peixes eletricos, tentando ensaios sobre a tinta da China e sobre o xarão, julgando ter descoberto a purpura dos antigos. Do medico da côrte da Russia recebera outra carta de 2 de setembro, acompanhando uma remessa de livros. A resposta de Barros termina com estes dizeres : «Faço algum reparo no ultimo paragrapho desta sua carta de 2 de setembro porque nunca v. m. excitou semelhante ideia do modo que agora faz; mas de todo o modo que fôr, esteja v. m. certo que as razões que eu tenho para o estimar a v. m. da maneira mais especial, as devo mostrar inalteraveis em toda a parte porque sou e serei sempre

de v. m.

o mais venerador e mais obrigado  
creado

J. Joaquim Soares de Barros.»

Este final traduz certamente qualquer esfriamento de relações da parte de Sanches que o solitario de Cezimbra queria combater com os protestos da sua estima. Antes de o explicarmos, carecemos de retroceder para lembrarmos alguns fatos posteriores á saída de Barros de Paris. Todos os biografos de Sanches o dão como tendo especial cuidado na averiguação das virtudes dos novos remedios. Barros comunicou-lhe a descoberta da terra de Mafra, especie de calcareo pulverulento em que via um remedio contra o cancro. Pelo *Journal* do medico sabe-se que as experiencias a que procedeu em Paris se realizaram de 1763 a 1765. Coadjuvou-as Payen que teve um momento de illusão como Sanches; afinal veiu o insuccesso e o desanimo. São isto fatos conhecidos; o que o não é, embora corra parellhas com outras demonstrações de desinteresse da parte do medico português, é o que consta do seu *Journal* em data de 8 de maio de 1770. A uma doente que o rogava para vêr um caso de cancro respondia-lhe que ela gratificaria Mr. de Barros pela terra de Mafra e que pelo que lhe dizia respeito nada queria pelo seu trabalho. Ouçamos agora o que João Jacinto de Magalhães narra a respeito do esfriamento das relações entre o matematico e o medico. A causa foi apenas a ingratitude do primeiro. Durante o prolongado desfavor em que Soares de Barros caíu e durou quasi vinte annos, Sanches auxiliou-o constantemente. Quando a queda de Pombal permitiu ao illustre matematico obter uma tença anual de 600\$000 réis, que o tirou da situação aflitiva em que vivia, participou-o ao

amigo, mas sem uma palavra que testemunhasse reconhecimento pelos serviços que lhe devia. Em 1781, tendo Magalhães ido a Paris e conversando com Ribeiro Sanches, estranhou o procedimento de Barros e o medico respondeu que tambem nunca o havia esperado. Dizendo isto, abriu o seu livro de contas e mostrou-lhe a ordem que dava aos seus herdeiros de nunca pedirem ao matematico as 2373 libras tornezas de que ele lhe era devedor, e acrescentou : «E aqui tem, meu amigo, o mal que lhe desejo pela sua ingratitude.» Desde que Soares de Barros se encontrou em situação desafogada, casou-se com uma sobrinha, irmã do Morgado de Setubal, pintor bastante mediocre mas a quem os pinceis valeram para desempenhar a casa. Por fim veiu residir em Lisboa, e ainda encontramos noticia dele a 14 de maio de 1789 em que leu na Academia Real das Sciencias uma *Memoria sobre um novo modo de preparar a sola de modo que se conservem bem as côres*, trabalho que se não publicou. Faleceu em 1793 na sua casa do Loreto. «Soares de Barros, diz Ricardo Jorge, demonstrava a perfeita plasticidade do seu espirito numa vasta serie de memorias que a nossa Academia acolheu e deu á estampa, algumas postumamente. Restaram ainda ineditos numerosos manuscritos que, por inacabados, não permitiram a desejada publicidade. A sua pena prestava-se a versar toda a especie de assuntos desde a fisica á politica, imprimindo em todos uma sigla pessoal.» Estudando a industria salina de Setubal, salientava a rotina dos seus processos e apresentava como um perigo a concorrência de Cadiz (12). Depois entregava-se á estatistica humana, tendo sido o primeiro e o unico demografista português, até que surgiram os trabalhos modelares de Ricardo Jorge. «A *Memoria sobre a população de Portugal em diversos tempos da monarchia* (13) constitue, diz este juiz competentissimo, um documento notavel, de leitura indispensavel para quem pretenda rastrear a evolução demogénica portuguesa (14). A propria bionomia, o mais alto escalão da sciencia estatistica, o prende no trabalho que expressivamente denominou *Loxodromia da vida humana, ou memoria em que se mostra qual seja a carreira da nossa especie, pelos espaços da nossa presente existencia* (15). Reflexo dos preciosos trabalhos iniciais dos pioneiros inglezes e allemães, ataca o problema da vitalidade collectiva, em face das tábuas de mortalidade, gizadas por Halley sobre os

(9) *Mon Journal*, mss. de Ribeiro Sanches na Biblioteca da Escola de Medicina de Paris.  
(10) Officio de Salema a D. Luis da Cunha de 7 de setembro de 1761, no Arquivo do ministerio dos Negocios estrangeiros.  
(11) Barros faz muitas referencias nas suas obras á sua estada em Cezimbra. Uma delas é a seguinte: Um balanço da minha vida atirou comigo a Cezimbra, sem eu saber para que ia

alli. (Pensamentos e observações sobre mui curiosos e importantes objectos que se apresentam nas costas de Portugal e no fundo dos nossos mares nas *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias*, tomo III. Lisboa, na typographia da mesma Academia, 1812).

(12) *Considerações sobre os beneficios do sal commum em geral e em particular do sal de*

Setubal, comparado experimentalmente com o de Cadiz, e por analogia com o de Sardenha e o de França, nas *Memorias economicas da Academia Rea1 das Sciencias*, tom. I, 1789.  
(13) *Memoria sobre as causas da diferente população de Portugal em diversos tempos da monarchia*, nas *Memorias economicas da Academia Real das Sciencias*, tom. I, 1789.  
(14) O prof. Laranjo escreveu a respeito desta Memoria: «Esta Memoria pôde não ser

completamente exacta, por falta de elementos estatísticos em todos os seus calculos; é, porém, verdadeira nos seus principios, vigorosa em todos os seus raciocinios; e, tirado o asserto de que os metaes preciosos são uma simples riqueza de convenção, a sciencia moderna encontraria que desenvolver, mas não que corrigir.» (Instituto XXIX, pag. 425).  
(15) *Memorias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias*, tom. II. Lisboa, 1799.

registros obituários prestados por um sacerdote de Breslau e por Stuart sobre os róis de Londres. Espanta vel-o lidar espécies e doutrinas, que não tiveram mais um cultor para amostra em Portugal, até ao tempo presente.»

Ricardo Jorge não queria dizer que ele próprio nos resgatou dessa vergonha, na obra que mais levanta o seu nome (16). Mas, por um tributo de justiça, queremos lembrar que foram preciosos elementos de trabalho para Soares de Barros as listas dos povos de todas as comarcas feitas em 1776 «pela curiosidade sempre activa de Diogo Ignacio de Pina Manique.»

Também admira a maneira como tenta resolver o problema da assistência domiciliar em todo o país que ninguém encarou com mais largueza. Animava-o um propósito menos de caridade do que de fomento económico porque sabia quanto a doença e a morte lesam as forças públicas e propoz-se determinar os hospitais que se deveriam estabelecer no país. Calculando em 3.600 mil almas a população do reino e tomando para base a estatística do hospital de Setúbal, estabelece quais devem ser os enfermos hospitalizáveis e computa a despesa a fazer, não se preocupando com a cifra obtida, tamanha é a vantagem que advém deste dispendio (17).

As outras memórias de Soares de Barros não têm a mesma importância. Na *Memória sobre os kermes* estuda a gran que em Cezimbra lá assinalara André Laguna (18) e nos *Pensamentos e observações sobre mui curiosos e importantes objectos que se apresentam nas costas de Portugal e no fundo dos mares* (19) enumera as espécies botânicas e zoológicas que encontrou durante a sua residência em Cezimbra; com uma ou outra observação sobre os seus costumes. Deixou também uma pequena *Memória* sobre Afonso de Albuquerque, a demonstrar o interesse pelos assuntos históricos (20). O resto da sua vida consumiu o a fazer ou sonhar descobertas que não publicava. Assim deixou sem efeito a descrição de um novo termómetro que levava vantagem aos de Fahrenheit e Reaumur e um *docimostapho*, instrumento destinado a aumentar a delicadeza do tato que Sanches muito lhe instava que terminasse pela grande utilidade que dele resultaria para a medicina.

### Gaspar Rodrigues de Paiva

Entre os correspondentes portugueses de Sanches mencionam Andry e Vicq de Azyr Gaspar Rodrigues de Paiva,

médico em Roma. O nome vem inscrito na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado, desacompanhado de quaisquer indicações biográficas. Nos livros do sr. Portugal de Faria sobre as relações de Portugal e Itália não se encontra menção dele, como também a não mereceu no manuscrito de Fr. Fortunato de S. Boaventura que aquele dedicado investigador publicou.

Pouco sabemos a seu respeito, nem é adquiriu nomeada que justifique grandes investigações. Gaspar Rodrigues de Paiva nasceu em Penamacor e era irmão de Antonio Ribeiro de Paiva, farmacêutico ilustrado a quem adiante nos referimos. Era filho de Gaspar Rodrigues de Paiva e de Maria Nunes Ribeiro, é tratante, natural de Proença-a-Velha e residente em Penamacor, ela nascida em Monforte da Beira. Não sabemos onde estudou e que circunstâncias o levaram a Roma, onde o irmão acima nomeado, ao ser interrogado em 1747 na Inquisição, o dava como residente, havia dois annos, e casado com Isabel Aires Henriques, tendo a esse tempo quatro filhos.

Antes de passar a Roma, afirmou outro seu irmão Luis Nunes Ribeiro, que vivera em Penamacor, depois em Lisboa e por último em Portalegre (21). Antonio Ribeiro de Paiva disse que é se retirou para Roma, pouco mais ou menos em 1745 (22). Gaspar Rodrigues de Paiva era primo de Ribeiro Sanches. Em 1751, publicava éle a sua *Epicrisis critico-apologetica de affectu atrabiliario, mirachiali: sive de morbis cerebri et mentis, qui extra cerebrum originem ducunt*. Roma MDCCLI. Typis Angeli Rotilii et Philippi Bacchellii.

O livro é oferecido a Antonio Freire de Andrade Encerrabodes, outrora embaixador em Londres e ao tempo em Roma, sendo a dedicatória datada do I.º das calendas de Junho de 1751.

Versa sobre uma doença melancólica que se começou a desenvolver em Setembro de 1748, e não oferece grande importância, a não ser para atestar as relações de Sanches com o seu parente. Efectivamente, a pag. XXXIII, encontra-se a passagem seguinte: *Hinc, hic maximus vir (Boerhaave) nil nisi panem, mel et aquam maniacis dare consuevit, consiliumque probavit eventus, quodque ad tanti Magistri exemplum semel, et iterum fecisse mecum dudum Clarissimus in arte Medica vir Antonius Ribeyro Sanches (quem honoris causa hic nomino) communicavit, multumque profecisse*. Gaspar Rodrigues de Paiva, se tinha créditos de médico, também era dado ás musas, visto que no principio do livro

afirma que entre os Arcades era conhecido por Clionsius Thermopilensis.

Quando Jacob de Castro Sarmiento publicou o seu livro *Do uso e abuso das minhas águas de Inglaterra* (1756), incluiu nêle uma carta de 25 de Abril de 1753 que recebera daquele douto médico. A carta refere-se a uma epilepsia periódica que tinha combatido com proveito com a água de Inglaterra. O doente, a ajuizar do nome, era português: o Marquês Antonio Correia. Depois desta data, o que sabemos de Gonçalo Rodrigues de Paiva é colhido nos manuscritos de Sanches. Em 17 de Julho de 1770, Paiva escrevia a seu primo dando-lhe informações de que em um livro que lera de Cotogno, com o titulo *De sede variolarum*, se encontrava a noticia de um escritor espanhol que escrevera *De hie venerea*, onde dizia que observara em Roma a sífilis desde o ano de 1493 ate 1499. Sanches lançou esta nota no seu *Journal* a 6 de Agosto e mandou pedir informações acerca deste livro a seu irmão Manuel (23). Cinco anos depois, a 2 de Janeiro de 1775, encontramos notada outra carta de Paiva. As espaçadas noticias que do médico de Roma recebia não querem dizer, porém, que entre os dois primos não existisse funda amizade que o tempo radicou.

Prova-o o testamento de Sanches, feito em 17 de Janeiro de 1781. Nesse documento deixava ao irmão todos os seus livros e manuscritos, mas se éle o precedesse na morte, o legado passava para Gaspar, estabelecido em Roma na qualidade de médico do Hospital de Santo Antonio dos Portugueses, ou para os filhos que lhe sobrevivessem. D`aqui em diante nada sabemos a seu respeito.

### João Jacinto de Magalhães

Amigo certo, da mesma raça de Andry, teve Ribeiro Sanches em João Jacinto de Magalhães que Ricardo Jorge ressuscitou para a admiração dos contemporâneos (24). Ao que este nosso amigo escreveu e aproveitamos neste artigo, alguma coisa temos que acrescentar, contribuindo um pouco para o tornar mais conhecido.

João Jacinto de Magalhães nasceu em Aveiro, em 4 de Novembro de 1722, sendo baptizado na igreja de S. Miguel, que depois de 1834 veio a chamar-se de Nossa Senhora da Apresentação, em 22 e tendo por pais Clemente de Magalhães Leite e. D. Joana Lourenço Soares. Era d`origem fidalga e descendente do grande navegante Fernão de Magalhães.

Aos 11 anos, foi mandado para a Congregação dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, onde professou com o nome de D. João de Nossa Senhora do Desterro, mas não se afeiçoou ao hábito, e ao cabo de insistentes diligências conseguiu da Cúria Romana um breve de secularização. Isto, porém, não satisfazia o seu espirito irrequieto, e expatriou-se, dizendo que o fizera, á semelhança do seu avoengo Fernão de Magalhães, «à cause de quelques désagrémens qu'il y essaya de la part des rivaux de son mérite.»

Nas suas notas manuscritas á biografia de Sanches por Andry, diz éle que abandonou o país «résolu à ne plus vivre que sous un gouvernement où la liberté personnelle soit à l'abri du despotisme ministériel.»

E expatriação deve ter-se realizado entre 1756 e 1758. Assistiu em Lisboa ao terremoto, tomando parte no combate official dos efeitos da catástrofe. Em 1760, diz Ricardo Jorge, residia em Paris, onde começou a colaborar nas gazetas literárias e scientificas do tempo. Desde logo se estreitaram as suas relações com Ribeiro Sanches. Este recebera uma prova de afeição que o ex-cónego regente lhe votava em um serviço real que lhe prestára, vendo-se obrigado a retardar a partida com risco. Ao vê-lo, o médico recebeu-o de braços abertos e jurou-lhe que o bem e o mal de um e outro seriam comuns (25). Essa promessa nunca se desmentiu, como era do caracter de Sanches, mas fica para mais tarde contá-lo. Este ano de 1760 foi de grande actividade para Magalhães. No *Journal étranger* fazia o extracto da *Memória sobre as providencias tomadas por ocasião do terremoto* que o governo pombalino mandou publicar para sua glorificação, memória atribuída a Francisco José Freire ou ao proprio Marquês de Pombal.

Diz Ricardo Jorge que nêsse trabalho Magalhães traça as linhas gerais da catástrofe e narra com louvor as medidas salvadoras de Pombal, entre elas as de ordem literária e profiláctica. Testemunha ocular do desastre, de que mais tarde o veremos apontar a Rousseau episódios lacerantes, dá-se também por colaborador «dos cuidados paternais, salutareos providencias e disposições bemfazejas do Soberano.» D. José tirava da bôca as galinhas e outras virtualhas para mimosear os enfermos; a Rainha e as Infantas cosiam roupa e faziam fios para os feridos; e Magalhães viu os grandes titulares a servir de ajudantes aos cirurgiões.»

(Continua no próximo número)

(16) *Demographia e Hygiene da cidade do Porto*. Porto, Typographia Occidental, 1898.

(17) *Memória sobre os hospitaes do reino*, nas *Memórias economicas da Academia Real das Sciencias*, tom. IV, Lisboa, na Typographia da mesma Academia, 1812.

(18) *Memórias de mathematica e physica da Academia Real das Sciencias*, tom.III, 1812.

(19) No mesmo volume das *Memórias*.

(20) *Obsequios devidos à memoria de um respeitavel monarcha e aos creditos de um vasallo o mais benemerito nas Memórias de litteratura portugueza publicadas pela Academia Real das Sciencias*, tom. V. Lisboa 1793, fl.253.

(21) *Processo n.º 7410 da Inquisição de Lisboa*. V. Ribeiro Sanches: *A sua vida e a sua obra* pag. 316.

(22) *Processo n.º 6980 da Inquisição de Lisboa*.

(23) *Mon Journal*, tomo IV dos mss. de Sanches na biblioteca da Escola de Medicina de Paris, pag. 85.

(24) *Amigos de Ribeiro Sanches*. J. H. de Magellan na *Medicina Contemporânea de 1910*, de que se tirou uma separata.

(25) *Notas manuscritas citadas*.